

---

**Bolsonaro x Grupo Globo: A luta sobre o 'Eu queria que você botasse no ar essa... eu imitando falta de ar'**

Carlos Augusto de França Rocha Júnior<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Resumo:** O estudo aborda como Jair Bolsonaro, presidente do Brasil e candidato à reeleição; e Grupo Globo, conglomerado de mídia, disputam representações em torno de vídeos em que Bolsonaro aparece imitando doentes por Covid-19 com falta de ar. A Comunicação Pública, com Weber e Locatelli (2022), Mendonça (2017) e Weber (2020), como indicador de democracia, é ponto chave da discussão, considerando que as eleições são uma das sete dimensões da democracia. Interessa especialmente compreender também o viés discursivo da disputa entre Bolsonaro e Globo que começa no Jornal Nacional, mas avança para a web, tanto pela rede social Twitter como o portal G1. Para tanto, utiliza-se a Análise de Discurso Crítica considerando Fairclough (2010), Ramalho e Resende (2011) pela categoria de Representação dos atores sociais.

**Palavras-Chave:** Comunicação Pública, Jair Bolsonaro, Análise de Discurso Crítica, Rede Globo, Eleições 2022.

### **Introdução**

Desde o começo de 2020 o Brasil atravessa Covid-19. O presidente à época dos acontecimentos, Jair Bolsonaro (2019-2022), adotou medidas, como a recusa ao isolamento social, defendidas em entrevistas e também em redes sociais. Duas transmissões nestas redes com Bolsonaro imitando pessoas sem ar em 2021 foram lembradas em perguntas pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, na sabatina para as eleições de 2022. Na oportunidade, o político buscava a reeleição atrás nas pesquisas de intenção de voto e a Covid-19 arrefeceu após a adoção da vacina, apesar do posicionamento contrário do presidente aos imunizantes.

O estudo aborda o papel da Comunicação Pública no processo democrático, bem como do jornalismo e os desafios de ambos em um cenário de ascensão do autoritarismo. Para isso, a opção é por abordar a concepção de Comunicação Pública na perspectiva de Weber (2020) e os embates discursivos na perspectiva de Fairclough (2010).

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação pela Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). E-mail: carlosrocha.the@gmail.com

---

O estudo objetiva compreender a disputa em como Bolsonaro tenta reposicionar suas falas a partir do Twitter para rebater as imagens de imitar pessoas sem ar como negligência no combate a Covid-19. Há luta eminentemente ideológica entre o presidente candidato e a empresa jornalística sobre a representação das cenas de Bolsonaro imitando pacientes com falta de ar, e por extensão, da condução da máquina governamental para a assistência aos atingidos pela Covid-19. A busca do candidato é por sua versão dos acontecimentos, e representação de si próprio e dos jornalistas, ser a dominante mesmo que calcada na fuga da realidade.

Abordar esta disputa é compreender o quanto a Comunicação Pública e a democracia, em suas diferentes dimensões, precisam ser continuamente defendidas de atores sociais autoritários que utilizam diferentes tecnologias como ferramentas para difusão de suas mensagens. Trata-se também de abordar o quanto o jornalismo também é uma ferramenta para estabelecer contraponto a estes atores em sua truculência.

### **1. Da TV para o Twitter e do Twitter para o portal**

O presidente e candidato à reeleição, Jair Messias Bolsonaro (PL), participa da série de entrevistas do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, em 22 de agosto de 2022. Bolsonaro foi o primeiro a ser entrevistado pela emissora, seguido dos candidatos Ciro Gomes (PDT), Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Simone Tebet (MDB). A lista de entrevistados obedeceu a critérios de representação no Congresso Nacional e pontuação na pesquisa Datafolha de intenção de voto, estipulados pela Rede Globo.

As entrevistas com presidenciáveis acontecem desde 2002<sup>2</sup> com mudanças em seu formato, como ampliação do tempo para a conversa com os candidatos e a entrevista no Palácio da Alvorada para candidatos à reeleição em 2006 e 2014 com Lula<sup>3</sup> e Dilma Rousseff<sup>4</sup>. Esta concessão gerou o primeiro embate entre Bolsonaro e Rede Globo na entrevista de 2022, já que a emissora estipula a regra de entrevistar

---

<sup>2</sup> “Jornal Nacional” entrevistará presidenciáveis  
<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u24319.shtml>

<sup>3</sup> Lula no Jornal Nacional: relembre a última entrevista do candidato, em 2006  
<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/lula-no-jornal-nacional-relembre-a-ultima-entrevista-do-candidato-em-2006.ghtml>

<sup>4</sup> Dilma Rousseff é entrevistada no Jornal Nacional - 18/08/2014 <https://globoplay.globo.com/v/3572518/>

---

todos os candidatos em estúdio e o candidato<sup>5</sup> manifestou desejo de ser entrevistado no Palácio da Alvorada.

Ao longo de 20 anos as entrevistas do Jornal Nacional caracterizam-se por um modelo de confronto entre apresentadores; William Bonner, Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcellos, e os candidatos nos temas que os incomodam. Nas eleições 2022 a entrevista de 40 minutos a entrevista de Bolsonaro<sup>6</sup> foi dividida pelo telejornal em 9 tópicos, assim denominados pela emissora: Ataques ao sistema eleitoral brasileiro e golpe, manifestação de apoiadores, compromisso com o resultado das urnas, pandemia, economia, meio ambiente, aliança com o Centrão, trocas de ministros da educação e interferência na Polícia Federal.

A escolha sobre o tema pandemia para a análise é motivada pelo fato do presidente candidato ter se manifestado posteriormente para confrontar a observação da jornalista Renata Vasconcelos: Bolsonaro imitou pessoas com falta de ar em meio a uma pandemia que matava por insuficiência respiratória e isso poderia ser associado a falta de compaixão.

[...]Renata Vasconcellos

“Agora, candidato, sobre o seu comportamento com as frases que eu mencionei, imitando pacientes com falta de ar, muitos viram isso como um sinal de falta de compaixão.”

Jair Bolsonaro

“Eu queria que você botasse no ar eu imitando a falta de ar.”

Renata Vasconcellos

“Mas falta de compaixão...”

Jair Bolsonaro

“Ah bom, então você começou a mudar, já começou a mudar. Tudo bem.”

Renata Vasconcellos

“Desculpe, só para eu completar a minha frase. Muitos viram isso como uma falta de compaixão, de solidariedade com os doentes, com as vítimas, com os parentes das vítimas. O senhor se arrepende?”

Jair Bolsonaro

---

<sup>5</sup> Entrevista Bolsonaro

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/05/jair-bolsonaro-confirma-presenca-em-entrevista-ao-jornal-nacional.ghtml>

<sup>6</sup> Jair Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>

---

“A solidariedade eu manifestei conversando com o povo nas ruas, visitando a periferia de Brasília, vendo pessoas humildes que foram obrigadas a ficar em casa sem ter um só apoio do governador ou prefeito, isso que aconteceu.

“E nós fizemos exatamente o que? Demos o auxílio emergencial imediatamente. 68 milhões de pessoas humildes começaram a receber o auxílio emergencial. Eles estavam condenados a morrer de fome dentro de casa.”

[...] Renata Vasconcellos

“Então o senhor chama isso de politicamente incorreto? O senhor não se arrepende do seu comportamento, das frases que fez imitando pessoas com falta de ar, como solidariedade com as famílias que sofreram?”

Jair Bolsonaro

“Você acabou de falar que eu não imitei a falta de ar e você voltou a falar em falta de ar novamente. Você voltou a falar em falta de ar novamente.”

Renata Vasconcellos

“Candidato, 700 mil mortos. A minha pergunta é muito específica: o senhor se arrepende disso?”

Jair Bolsonaro

“Lamento as mortes. Não tem quem não perdeu um parente, um amigo. Lamento as mortes. Agora, não poderia ser tratada a covid da forma como começou a ser tratada. E quando você fala em tratamento precoce, lembre-se que no protocolo do Mandetta tinha o tratamento precoce lá, mas só em caso grave, onde eu não concordei com ele.

“No início, o protocolo do Mandetta era: vá para casa. Quando sentir falta de ar, procura um hospital. Eu falei: ‘Procurar pra que se não tem remédio?’ E não tinha vacina também naquele momento.”

William Bonner

“Vamos falar de economia? Eu só queria observar: a Renata não retirou a observação sobre o fato de o senhor ter imitado pessoas com falta de ar.”

Jair Bolsonaro

“Ela retirou.”

William Bonner

“Não, não, não. Ela disse que o senhor imitou gente com falta de ar e que faltou também a solidariedade. Foram as duas coisas.”

Renata Vasconcellos

“E o senhor não respondeu à minha pergunta se se arrependia ou não, mas tudo bem.” [...] (JORNAL NACIONAL, 22/08/2022)

Este tema capta a atenção do perfil do presidente na rede social Twitter que faz uma montagem<sup>7</sup> da entrevista a fim de apontar uma possível assertividade de Bolsonaro ao responder sobre o tema. São 31 segundos entre a fala de Renata Vasconcelos, no Jornal Nacional, e respostas de Jair Bolsonaro no mesmo telejornal e em lives em que o

---

<sup>7</sup> Tweet de @JairBolsonaro <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561899185175232516>

candidateado à reeleição fala a respeito da falta de ar durante o período da Covid. A tentativa é de sustentar uma versão de que não houve deboche, mas cuidado com as pessoas acometidas pela doença.

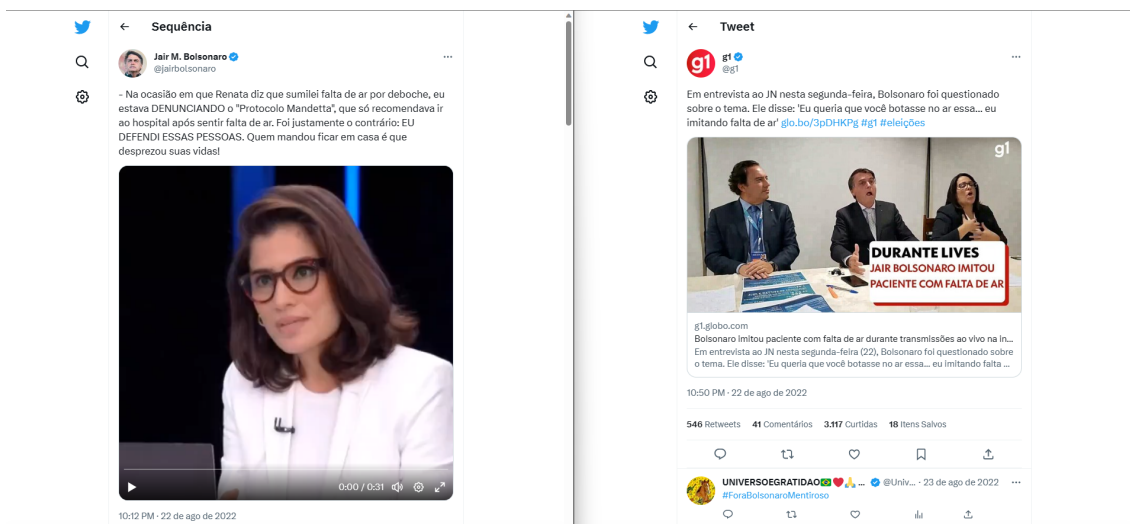


Imagem dos tweets de Jair Bolsonaro e G1 com a disputa de versões sobre a falta de ar. Fonte: Reprodução / Montagem do autor

Menos de uma hora depois, o portal G1 apresenta uma matéria<sup>8</sup> em que o presidente aparece imitando pessoas com falta de ar e faz referência ao tema no Twitter<sup>9</sup>. A opção do veículo de imprensa não é por uma correlação com o tweet de Bolsonaro, mas com as declarações que o candidato à reeleição concedeu durante o telejornal, apresentadas em vídeo complementar a matéria com o registro de pelo menos três oportunidades em que Bolsonaro faz as imitações ou piadas com a falta de ar e a Covid-19.

Na prática o embate travado na entrevista é amplificado por Bolsonaro e também pelo grupo Globo, que une Rede Globo e G1. Ao seu modo, cada um dos envolvidos aborda o tema na perspectiva de buscar hegemonia sobre o tema em discussão, seja na comprovação de que houve ou não a imitação da falta de ar como também sobre o quanto a falta de ar, e outras atitudes de Bolsonaro, representam deboche contra as pessoas doentes. O presidente rompe a normatividade da comunicação pública durante o

<sup>8</sup> Bolsonaro imitou paciente com falta de ar durante transmissões ao vivo na internet em 2021 <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>

<sup>9</sup> Tweet de @G1 <https://twitter.com/g1/status/1561908708774379520>

---

mandato e acaba por ser cobrado quando está na posição de candidato à reeleição como parte do debate público sobre a Covid-19.

## **2. Comunicação pública, Comunicação Política e qualidade da democracia**

Abordar a Comunicação Pública é olhar para a democracia. Weber (2020) trata a Comunicação Pública como indicador de qualidade para as democracias, principalmente no tocante aos debates públicos. Esta associação de Comunicação Pública e democracia interessa particularmente no que a autora associa aos debates envolvendo temas de interesse público e relacionados a acontecimentos públicos em que Estado, sociedade e mídias têm participação e responsabilidades. Eleições e crise sanitária são bons exemplos de como o debate público e o acontecimento público estão próximos.

O conceito de Comunicação Pública também permite compreender como diferentes atores sociais se mobilizam pela participação cidadã. “A qualidade das democracias é diretamente proporcional à qualidade de participação dos cidadãos.” (WEBER, 2020, p.40) Pensar em qualidade de participação é importante para dimensionar o tamanho do desafio da democracia, com tecnologias que propagam a ampla participação ao mesmo tempo que oferecem progressiva personalização da política com prevalência de interesses privados sobre o interesse público.

Há cada vez mais arenas que se apresentam como públicas, para além do que aponta Weber (2020) na sujeição a enquadramentos definidos pela imprensa. Outros atores midiáticos, como os sites de rede social, estão em cena e atuam sobre os temas em discussão. Weber e Locatelli (2017) abordam o poder de influência sobre a esfera pública na abordagem que temas podem ter ao ser expostos publicamente. Quanto mais mobilização em torno de um acontecimento público, mais ele se transforma em debate público. Mas, com a promoção de tensões passionais em detrimento de reflexões racionais, o debate sobre temas de vivência comum avança para ser uma "cacofonia" que tira qualidade da discussão pública. Weber e Locatelli (2022) ressaltam que a Comunicação Pública complexifica a Comunicação Política na compreensão de acontecimentos, relações sociais e política.

Estudar empiricamente a comunicação pública, portanto, é identificar atores, relações, discursos, mídias e produtos comunicacionais quanto à sua responsabilidade a partir do preconizado em dispositivos legais, constitucionais e especialmente orientados pela postura ético-moral para além

---

da sua função eminentemente fática e imediata. (WEBER; LOCATELLI, 2022, p.142)

Estes atores estão em um cenário cada vez mais de comunicação midiaticizada, representada em novas tecnologias e objetivos. Os autores abordam este cenário apontando que o interesse público passa a ter outra configuração, diferente daquela que compõe o ethos do jornalismo. É uma configuração marcada pela combinação entre entretenimento e informação com rápida acessibilidade por dispositivos digitais. Na política, na sociedade, nas mídias há alterações de padrões que afetam a comunicação pública com a abertura de potencialidades e também desafios, como a desinformação.

No epicentro de toda essa dinâmica está o interesse público, um conceito caro aos direitos humanos e às democracias, que justifica a opção moderna pelos regimes democráticos. Mas que também funciona como arma retórica dos grupos que o disputam, com sentidos às vezes diametralmente opostos. Na política tende a ser utilizado com fins eleitorais e legitimadora de práticas governamentais e dos representantes eleitos. A imprensa também utiliza o conceito para autorreferenciar suas práticas, reivindicando para si a fala de uma suposta opinião pública. Fato é que a associação simplória do conceito interesse público prejudica as instituições do Estado democrático e permite que interesses privados, individuais, familiares e religiosos se sobreponham ao interesse público. Até regimes autoritários podem procurar justificar censura e cerceamento de liberdades em seu nome do interesse público. Cabe assinalar que um Estado totalitário não exerce a comunicação pública mesmo que assim a denomine. A propaganda persuasiva ocupa o lugar da informação dirigida em favor de um projeto político, a participação será controlada, a censura será imposta e isso impede a realização do debate público. (WEBER; LOCATELLI, 2022, p.142)

Apesar da Comunicação Pública ser uma conquista das democracias e sociedades com possibilidades de participação amplificadas por meio das conquistas tecnológicas, há também perigos por causa de interdições causadas por atores autoritários que interdita ou distorcem o debate público. O momento eleitoral, como parte das dimensões da democracia<sup>10</sup> apontadas por Ricardo Fabrino Mendonça (2017), é um dos mais importantes para a Comunicação Pública e dos mais sensíveis às transformações em curso. O período eleitoral é aquele que consegue reunir a dimensão de participação e autogoverno com a de autorização popular para o exercício do poder

---

<sup>10</sup> (1) autorização popular para o exercício do poder político; (2) participação e autogoverno; (3) monitoramento e vigilância sobre o poder político; (4) promoção da igualdade e defesa de grupos minorizados; (5) competição política e pluralismo; (6) discussão de opiniões; (7) defesa do bem comum.

---

político. Ambos estão diretamente relacionados com a representação, associada com o implemento de uma ideia de cada vez mais participação.

O período eleitoral é o espaço também para outra dimensão da democracia, como mostra Mendonça (2017), o monitoramento e vigilância sobre o poder político. Imprensa e sociedade civil atuam para que o exercício do poder político seja feito em público e o representante seja responsabilizado por suas falas e atos. Na eleição a atuação do representante é colocada em perspectiva em sua transparência, publicidade e descentralização. O jornalismo, como atividade profissional, tem a capacidade de realizar esta cobrança e de expor como atores políticos impulsionam o conflito entre as dimensões fática e normativa da Comunicação Pública.

Weber (2011) inclui o jornalismo e as redes sociais nos sistemas e produção de comunicação pública para a promoção do debate público e difusão de informação a partir de múltiplos tipos de notícias e a construção de contato mais aproximado entre os atores sociais, respectivamente. Ambos estão diretamente relacionados a estratégias de visibilidade e credibilidade no que elas acionam de repercussão e memória e de reconhecimento e legitimidade. A autora tece considerações sobre o Estado, mas é possível estabelecer paralelos desta estratégia sobre o Chefe de Estado que disputa na arena política sua manutenção no posto.

Chefes de Estado de postura populista, como Jair Bolsonaro, aproveitam a amplificação do discurso do Estado por meio da web para tentar modelar a Esfera de Visibilidade Pública para a sua própria legitimação simbólica e o reconhecimento de vínculos, mesmo que isso implique deslegitimar outros atores, como a imprensa. O Estado acaba por ser utilizado pelo político para seus interesses particulares, em detrimento do interesse público. “À política funcional, pragmática, corresponde a ampliação de processos comunicacionais e investimentos estruturais, estéticos e institucionais.” (WEBER, 2011, p. 116) A autora aponta que o poder de comunicação do Estado disputa versões com a mídia, porém, considerando o cenário atual cabe pensar o quanto que o próprio ator político encampa estas disputas igualmente ganhando em quantidades e desequilibrando a credibilidade.

### **3. Análise de Discurso Crítica e a luta por hegemonia na disputa discursiva**



---

O relato jornalístico é fruto de um conjunto de disputas ideológicas por hegemonia, em que diferentes atores sociais lutam através da linguagem para fazer prevalecer seus posicionamentos sobre o de outros. A imitação de Bolsonaro de pessoas com falta de ar durante a Covid-19 é mais um destes exemplos. O presidente e candidato à reeleição e o grupo Globo disputam, primeiramente, na própria entrevista no Jornal Nacional, em que Bolsonaro tenta primeiro negar a existência da imitação e posteriormente enviesar esta imitação do deboche para o aconselhamento.

É um embate de viés discursivo, considerando as facetas linguística e social do discurso. A ideia de discurso para Fairclough (2010) está diretamente ligada a ação como prática e estrutura social. “Ao usar o termo 'discurso' proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (FAIRCLOUGH, 2010, p. 90). A definição implica uma relação dialética entre prática e estrutura social para compreender o quanto a linguagem é mobilizada para a construção de identidades e relações sociais, assim como de conhecimentos e crenças.

Fairclough situa o discurso como prática ideológica que mobiliza significados do mundo para diferentes relações de poder. A prática discursiva acontece sob restrições sociais nos processos de produção e interpretação, seja pelos recursos disponíveis como estruturas sociais como pelas práticas sociais que os participantes fazem parte. São práticas marcadas pela ideologia e pelo poder como hegemonia. Neste aspecto a ideologia tem existência material nas práticas das instituições, interpelando os sujeitos com existência em diferentes instituições. A hegemonia, por sua vez, é vista como liderança sujeita a articulação, desarticulação e rearticulação contínuas. É uma dominação que não envolve a força e que está sujeita a disputas continuamente.

A Análise de Discurso Crítica, proposta por Fairclough e encampada por Ramalho e Resende (2011), aborda a ideologia e a hegemonia como noções preliminares tanto para o viés discurso quanto para o social. “A ADC não pesquisa a linguagem como sistema semiótico nem como textos isolados, mas, sim o discurso como um momento de toda prática social” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 14). O discurso possui caráter integrador entre linguagem e práticas sociais como fenômeno mental, relações sociais e mundo material.

---

O interesse no estudo do discurso pela ADC é tanto pelo abstrato, em língua e outros tipos de semiose que compõem a vida social, e o concreto, no que se trata de modos de representar o mundo. “Essas principais maneiras como o discurso figura simultânea e dialeticamente em práticas sociais correlacionam-se aos três momentos de ordens do discurso, os momentos internos do momento semiótico das práticas (gêneros, discursos e estilos, respectivamente)” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 44). Esta relação está materializada em lutas hegemônicas em que diferentes discursos são utilizados para a sustentação ideológica de determinados posicionamentos.

Para pesquisas em ADC, em relação ao estudo da materialização de discursos em textos são temas relevantes: a representação de grupos específicos de atores sociais em textos de ampla circulação; a recontextualização de discursos de campo a outro; as influências de discursos específicos sobre construções identitárias e sobre modos de ação; a representação de aspectos específicos do mundo por meio de discursos particulares; os modos como grupos específicos de atores sociais atualizam discursos particulares na representação de sua experiência etc. (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 58)

Esta materialização de discursos em textos permite uma observação mais atenta a respeito da construção de identidades e identificações, como estas construções identitárias se relacionam, além de como os atores sociais não são completamente livres e nem totalmente constrangidos pela estrutura social. Tal observação em ADC está sob a guia de categorias que apresentem as diferentes maneiras de representar, interagir e identificar relacionadas às práticas sociais em determinados produtos como textos e imagens.

As categorias analíticas tem o papel de ser as formas e significados que apresentam as maneiras particulares associadas às práticas sociais situadas. Elas permitem o mapeamento da produção entre o discursivo e não o discursivo para apontar os efeitos sociais. Em particular, interessa ao estudo a categoria de representação dos atores sociais para compreender como, a partir de diferentes estratégias, Bolsonaro e Globo interagem e representam-se mutuamente.

Em linhas gerais, o Twitter é um site de rede social fundado em 2006, inicialmente como uma rede de microblogs com mensagens de 140 caracteres a serem difundidas por diferentes usuários para seus seguidores, por Jack Dorsey, Noah Glass, Biz Stone e Evan Williams. A limitação de caracteres atendia ao cenário da época, com o envio das publicações por mensagens SMS. A partir de 2020 esse limite está

---

flexibilizado e a propriedade da empresa está com Elon Musk, empresário alinhado à extrema direita dos Estados Unidos<sup>11</sup>.

A partir da entrevista de 40 minutos e especificamente do trecho de oito minutos e sete segundos sobre a pandemia, foi possível destacar o diálogo específico sobre a imitação que Bolsonaro fez de pessoas com falta de ar. A partir desta seleção, a opção da pesquisa foi por referenciar os tweets de Bolsonaro e G1, portal de notícias da Globo, sobre o tema. Ao todo foram apontados dois tweets com as duas versões sobre a imitação de pessoas com falta de ar. O tweet de Bolsonaro, com o vídeo; e o tweet de G1, com a publicação jornalística correlacionada são especificamente o corpus analisável a partir da ADC.

Com os tweets e a notícia “Bolsonaro imitou paciente com falta de ar durante transmissões ao vivo na internet em 2021” a busca é por marcas textuais que apontem a disputa ideológica por hegemonia entre Bolsonaro e o grupo Globo, com o acionamento de diferentes linguagens, desde o texto até o vídeo. Cada um dos atores sociais utiliza diferentes ferramentas para representar suas ideias e também delimitar como está o outro na disputa.

#### **4. Análises de embates discursivos em diferentes plataformas**

Ao compreender as representações destas práticas sociais particulares é possível entender as representações de atores sociais por diferentes caminhos, como por inclusão ou exclusão, com destaque para atividades ou para julgamentos, entre outras possibilidades. A busca ao empregar esta categoria para os atores sociais em disputa é um caminho para situar também as implicações ideológicas destas representações.

##### **4.1 Em caracteres: As disputas entre Bolsonaro e Globo considerando textos**

A luta entre Bolsonaro e Globo sobre a imitação de falta de ar tem boa parte do seu desenvolvimento nos textos assinados pelo presidente no Twitter e o grupo de comunicação, a partir do seu portal de notícias, o G1, que também tem perfil na rede. Em nenhum momento os perfis @jairbolsonaro e @g1 fazem referência um ao outro no

---

<sup>11</sup> Alinhado à extrema direita, Musk muda equilíbrio de forças políticas com Twitter, diz pesquisadora da UFRJ  
<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/11/alinhado-a-extrema-direita-musk-muda-equilibrio-de-forcas-politicas-com-twitter-diz-pesquisadora-da-ufrj.ghtml>

---

que se trata de estabelecer uma conexão, mas indiretamente eles apontam um ao outro. O portal G1 faz referência a Jair Bolsonaro e a entrevista no Jornal Nacional.

O tweet de Bolsonaro chama a atenção por uma referência a "Renata", única indicação de que ele fala da entrevista. Ao não mencionar a Rede Globo ou o Jornal Nacional ou mesmo Willian Bonner fica clara a ideia de centralizar o embate entre o presidente e a jornalista. "Renata" representa a oposição que o candidato enfrenta em fazer valer a defesa de seu governo contra a Covid e o ponto de vista defendido por ele em relação a doença. Ela é o obstáculo à construção ideológica de Bolsonaro, sobre o enfrentamento da Covid, ser hegemônica e nisso demanda a defesa de Bolsonaro para além da resposta na entrevista.

A construção de Bolsonaro passa não pelo ocultamento do vídeo, mas pela menção a trechos dele que corroboram a versão de Bolsonaro, que as imitações da falta de ar não seriam descaso, mas cuidado. É uma construção que aponta a responsabilidade pelos males da Covid a outros atores sociais, até mesmo integrados ao jornalismo, e que isentaria o presidente de responsabilidade.

Bolsonaro representa a si mesmo de forma concreta ao apontar que ele teria denunciado um protocolo ineficaz e defendido as pessoas dele. Em seguida, a proposta é de estabelecer uma correlação entre seus adversários ideológicos como responsáveis pela crise econômica advinda da Covid e o protocolo que ele denunciou. O silogismo do presidente é de que as posturas reprováveis no combate a Covid são de seus adversários, mesmo que ele tenha sim feito a imitação de pessoas com falta de ar.

Por outro lado, o G1 atua para situar o motivo das imitações terem voltado ao noticiário: O presidente pediu que elas fossem ao ar. Bolsonaro é representado em um papel duplo, o de candidato entrevistado pelo Jornal Nacional e o de presidente que gravou vídeos imitando pessoas com falta de ar. No embate entre o discurso ideológico bolsonarista e a ideologia profissional do jornalismo, representado pelos veículos do grupo Globo, as marcas de G1 vem amparadas nas falas do presidente. É o pedido dele para que as imagens fossem apresentadas e a postura do presidente nas gravações dos vídeos em uma representação concreta do deboche.

Em duas lives, em 18 de março de 2021 e em 6 de maio do mesmo ano, o presidente simula um paciente sem oxigênio. A falta de ar era um sintoma comum de Covid em 2020 e em 2021, no pior período da pandemia, antes da

---

disseminação da vacina contra a doença --o que fez desabar o número de casos graves e mortes.

Ainda no final de 2020, falando a apoiadores ao chegar no Palácio da Alvorada, Bolsonaro ridicularizou quem pegou Covid com piada homofóbica. Ele diz: "estou com Covid", e ri. (G1, 22/08/22)

Bolsonaro e G1 escolhem determinadas estratégias textuais para dar maior eco para as suas mensagens. No tweet de Bolsonaro a ênfase em algumas palavras vem para dar efeito de reforço e facilitar a difusão da mensagem entre partidários do presidente. O "DENUNCIANDO" e "EU DEFENDI ESSAS PESSOAS", em caixa alta, juntam-se a construções como "Sempre defendi que os médicos tivessem autonomia para tratar seus pacientes" para que seus adeptos repitam diante de confrontações relacionadas ao tema. O tweet de G1 reforça a sua mensagem com as hashtags "#g1 #eleições" buscam a inclusão do tweet entre outros que mencionam os dois termos. Os dois lados buscam fazer a sua versão ser hegemônica referenciando seus dizeres, mesmo não dialogando entre si.

#### **4.3 Em vídeo: Imitações em diferentes velocidades na busca por adesão**

De antemão é possível ver um aspecto chave nos vídeos disponibilizados por Bolsonaro e por G1: velocidades de reprodução diferentes. Enquanto o vídeo da conta de Bolsonaro no Twitter apresenta de forma acelerada a pergunta da jornalista Renata Vasconcellos e em velocidade normal a live de Bolsonaro, o vídeo de G1 apresenta todas as falas de Bolsonaro em velocidade normal. São propostas diferentes que permitem a leitura que os envolvidos têm o mesmo propósito: a adesão do público a sua versão sobre o caso da imitação da falta de ar.

No olhar ideológico de Bolsonaro a compreensão é de que não cabe a voz do outro, a não ser que seja reforçando o dizer dele. A contestação só precisa ser rebatida se ela não for eliminada de antemão. A escolha de diminuir a presença do jornalismo para ampliar a do candidato permite uma leitura do que está representado na ideologia defendida por Bolsonaro: a misoginia, com a restrição da presença da mulher perguntando; o autoritarismo, em que o outro questionando não pode ter espaço e o messianismo, em que a posição do líder não pode ser posta em suspeita simplesmente porque ela é a melhor e infalível.

---

No vídeo de Bolsonaro é proposto que não há caminho ao esclarecimento sem o líder. Neste aspecto, a fala de Bolsonaro em um de seus vídeos que ele imitou pessoas com falta de ar é recortada com o intuito de demonstrar que ele fez isso em caráter de denúncia e não de chacota. A busca não é por esclarecer, mas por semear mais dúvidas, considerando que de fato houve a imitação. Diante de mais dúvidas, onde estaria o esclarecimento? No líder e sua comunicação ideológica. O presidente rompe com a ideia de debate público para apenas impor a sua versão sobre os acontecimentos.

O enfrentamento nesta disputa ideológica cabe ao jornalismo, como ideologia profissional, que as ideias de exatidão e de verdade ocupam posição chave. A comprovação é indispensável ao que o jornalismo apresenta como informação. Alguma ideia que que extrapole essa possibilidade deixa de configurar-se como informação para passar a ser visto como opinião. Não se trata de pensar a opinião como livre para ser fantasiosa, mas como aberta a ser vista como crença e tratada como uma verdade restrita a seus adeptos. A informação precisa respeitar critérios de elaboração representados como noticiabilidade que tem um aspecto ideológico por mais que seja negado.

Diferente de Bolsonaro, G1 não utiliza o recurso de vídeo no tweet, mas apresenta um frame com o presidente imitando a pessoa com falta de ar, imagem reproduzida pela intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e no mesmo quadro o então presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, posteriormente denunciado por assédio sexual e moral no banco. Sem entrar no debate sobre as intenções do presidente, o tweet responde ao pedido do candidato apresentando ele imitando pessoas com falta de ar.

A representação é de Bolsonaro imitando pessoas com falta de ar durante a pandemia de Covid, conforme o presidente pediu durante a entrevista no Jornal Nacional. Não há uma exposição direta do presidente como sem compaixão, mas delineada na apresentação de trechos completos das lives do presidente durante a pandemia. Sem os cortes e com o auxílio de legendas, G1 representa o presidente com as imitações realçando o deboche de Bolsonaro até alcançar o ápice dele rindo após comentar um diagnóstico da Covid-19 com uma fala homofóbica.

A opção por, após todos estes vídeos, vir a entrevista de Bolsonaro ao Jornal Nacional aponta a busca por hegemonia do jornalismo sobre o político autoritário. O jornalismo em sua ideologia profissional, calcada em informação, estaria acima da

---

ideologia autoritária, que enfatiza a opinião. Chama a atenção o trecho do vídeo com a entrevista do Jornal Nacional, justamente por a apresentação ser o inverso do que Bolsonaro apresenta no tweet. Em velocidade normal e sem cortes bruscos, G1 apresenta Bolsonaro respondendo a pergunta da jornalista sem explicar a imitação de pessoas com falta de ar. É a ênfase na ideia do debate público com a apresentação de ideias de diferentes atores sociais, em uma perspectiva democrática a fim de angariar apoio na opinião pública.

A disputa discursiva é pelo que significa a imitação de pessoas com falta de ar, ao mesmo tempo que pela representação dos envolvidos nesta luta por hegemonia. Pelo corpus selecionado, Bolsonaro elabora uma versão alternativa para situar os vídeos com as imitações das pessoas sem ar, ao mesmo tempo que o grupo Globo evidencia a imitação como tal. É uma disputa pela representação dos atores sociais em relação a si próprio e em relação ao outro.

O tweet de Bolsonaro é a principal ferramenta adotada para uma representação de si em uma forma unilateral pela simulação de diálogo entre Bolsonaro e a entrevistadora do Jornal Nacional. Vídeo e texto em conjunto fazem parte da versão de Bolsonaro sobre o assunto com a representação do veículo de imprensa como antagonista que manipularia a imagem. G1 aciona a entrevista de Bolsonaro para desmentir a versão do presidente e reforçar a representação do presidente como insensível a Covid-19, bem como do veículo de comunicação.

### **Considerações finais**

As eleições são uma das sete dimensões da democracia, que tem como indicador de qualidade a Comunicação Pública a partir de diferentes reflexões, como a realizada por Ricardo Fabrino Mendonça (2017). Todos estes elementos acabam por ser ameaçados em seu pleno exercício pela ação autoritária de um ator político como Jair Bolsonaro, com suas ações para transformar a disputa entre antagônicos em uma batalha entre inimigos.

O episódio retratado, representa como um candidato a presidente é incapaz de justificar uma ação do presidente que no exercício do cargo age como candidato. A resposta de Bolsonaro ao ser questionado, como parte do debate público a respeito do tema saúde e do combate a Covid, é de estabelecer travas a esta discussão. Primeiro

---

pedindo para que a imagem dele imitando pessoas com falta de ar fossem exibidas para apresentar o desmentido, depois enviando estas imagens para que a leitura de um deboche fosse substituída por de denúncia, mais favorável a ele como candidato à reeleição.

É perceptível o quanto a Comunicação Pública voltada para a discussão pública em torno do tema saúde, e especificamente a Covid, é ameaçada por uma abordagem autoritária que constrange as instituições e instâncias de discussão. A ação de Bolsonaro subjungando o interesse público de discutir sobre saúde, ao interesse privado do presidente de defender o seu ponto de vista negacionista a respeito da Covid-19, passa por enfrentamentos a partir do jornalismo ao mesmo tempo que ganha tração em terrenos não regulados, como os sites de rede social.

O tweet e a matéria do G1 representam o jornalismo profissional como ferramenta para a promoção do debate democrático, com o questionamento e a exposição dos posicionamentos do presidente. Na disputa ideológica entre o presidente e o veículo de comunicação prevalece como hegemônico o jornalismo com a exposição do presidente que imita pessoas sem ar durante a pandemia que matou aproximadamente 700 mil brasileiros.

## REFERÊNCIAS

BOLSONARO, Jair. **Na ocasião em que Renata diz que sumilei falta de ar por deboche, eu estava DENUNCIANDO o "Protocolo Mandetta", que só recomendava ir ao hospital após sentir falta de ar. Foi justamente o contrário: EU DEFENDI ESSAS PESSOAS. Quem mandou ficar em casa é que desprezou suas vidas!**. Brasília, 22 de Agosto de 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561899185175232516>>. Acesso em: 07 de Junho de 2023.

BOLSONARO, Jair. **Sempre defendi que os médicos tivessem autonomia para tratar seus pacientes, bem como que as pessoas procurassem um profissional de forma precoce, assim como é recomendado ao sentir qualquer sintoma de qualquer doença, quando as chances de recuperação são maiores.**. Brasília, 22 de Agosto de 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561899187947577347>>. Acesso em: 07 de Junho de 2023.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2010.



---

G1. **Em entrevista ao JN nesta segunda-feira, Bolsonaro foi questionado sobre o tema. Ele disse: 'Eu queria que você botasse no ar essa... eu imitando falta de ar'** <http://glo.bo/3pDHKPg> #g1 #eleições. Brasília, 22 de Agosto de 2022. Twitter: @g1. Disponível em: <<https://twitter.com/g1/status/1561908708774379520>>. Acesso em: 07 de Junho de 2023.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Dimensões democráticas nas jornadas de junho**: reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 33, n. 98, p. e339707, 2018.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. Melo. **Análise de Discurso (para a) Crítica**: O texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes: 2011.

WEBER, Maria Helena. **Estratégias da comunicação de Estado e a disputa por visibilidade e opinião**. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.). Comunicação pública, sociedade e cidadania. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011. p. 101-119.

WEBER, Maria. Helena. **Balizas do campo comunicação e política**. Triade: Comunicação, Cultura e Mídia, [S. l.], v. 8, n. 18, p. 6–48, 2020. DOI: 10.22484/2318-5694.2020v8n18p6-48. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/4046>. Acesso em: 14 mai. 2023.

WEBER, Maria. Helena.; LOCATELLI, Carlos. **Realidade e limites da pesquisa empírica em comunicação pública**. MATRIZES, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 141-159, 2022. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v16i1p141-159. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/183849>. Acesso em: 14 mai. 2023.

WEBER, Maria Helena; COELHO, Marja Pfeifer; LOCATELLI, Carlos (Org.). **Comunicação Pública e Política – pesquisa e práticas**. Florianópolis: Insular, 2017.